

FERTILIZANTES: mercado em expansão em 2000

Célia Regina R. P. Tavares Ferreira¹

O consumo efetivo de fertilizantes no Brasil, em 1999, somou 13,689 milhões de toneladas, contra 14,669 milhões de toneladas de produto em 1998, ou seja, decréscimo de 6,7%. Os principais fatores que colaboraram para a retração da demanda, em 1999, foram: a) alterações na política cambial do País, com a desvalorização do real em janeiro desse ano, ocasionando uma elevação nos preços pagos de fertilizantes pelos agricultores, tendo em vista que parcela significativa (em torno de 50%) do produto consumido no Brasil é de origem importada; b) as relações de troca mais desfavoráveis para diversas culturas; c) a forte retração na demanda principalmente nas culturas de cana-de-açúcar e laranja; d) crédito agrícola mais restrito; e e) os problemas climáticos observados na safra 1999/2000 (Tabela 1).

A cultura que mais consumiu fertilizantes no Brasil, em 1999, segundo estimativas preliminares da Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA), foi a de soja, com volume estimado em 3,8 milhões de toneladas de produto (28,0% do total), seguida pelo milho (19,1%), cana-de-açúcar (11,6%) e pelo café (8,4%), perfazendo, somente essas quatro culturas, 67,1% da quantidade consumida nesse ano. Em relação a 1998, o consumo de fertilizantes decresceu para as culturas de banana (13,3%), batata (9,8%), cana-de-açúcar (35,0%), fumo (12,3%), laranja (19,1%), mandioca (18,2%), soja (1,1%) e trigo (2,5%). Em contrapartida observou-se acréscimo para algumas culturas, como: arroz (3,7%), amendoim (14,3%), café (2,9%) e feijão (14,0%).

No Brasil, em 1999, comparativamente ao ano anterior, de acordo com o critério de regionalização do Sindicato da Indústria de Adubos e Corretivos Agrícolas, no Estado de São Paulo (SIACESP), constatou-se decréscimo das entregas de fertilizantes ao consumidor final nas Regiões Centro, 6,0%; Sul, 8,9%; e Nordeste, 9,4%, a única exceção foi a Norte (aumento de

6,5%). A menor comercialização ocorreu na maioria dos Estados brasileiros, com exceção de Mato Grosso (aumento de 10,4%), Goiás (+4,8%), Bahia (+0,4%) e Piauí (+18,3%).

São Paulo foi o Estado que respondeu pela maior quantidade das entregas de fertilizantes em 1999, ou seja, 2,632 milhões de toneladas de produto, com retração de 13,2% em relação ao ano anterior, representando 19,2% das entregas, seguido do Paraná (14,8%), Minas Gerais (14,6%), Mato Grosso (12,9%), Rio Grande do Sul (10,6%) e Goiás (9,3%) (Tabela 2).

Em 1999, a produção da indústria nacional foi de cerca de 7,537 milhões de toneladas de produto, quantidade 1,8% superior ao registrado no ano precedente, com incrementos nas quantidades produzidas, em termos de nutrientes, dos fertilizantes nitrogenados (16,4%) e potássicos (6,5%). No caso das matérias-primas para fertilizantes, constatou-se maior produção, com exceção da rocha fosfática industrial (decréscimo de 3,2%).

As importações brasileiras de fertilizantes, em 1999, apresentaram decréscimo de 5,3%, somando cerca de 7,035 milhões de toneladas de produto, como resultado da desvalorização cambial. Segundo o SIACESP, estima-se que o dispêndio de divisas foi de US\$945,6 milhões/CIF e no caso das matérias-primas para fertilizantes, em torno de US\$197,4 milhões/CIF, totalizando US\$1,143 bilhão/CIF. Os preços dos fertilizantes importados em 1999, na média, situaram-se em US\$137,2/tCIF contra US\$148,7/tCIF observado em 1998; convertendo pela taxa de câmbio em moeda real, constata-se que os preços subiram de R\$172,64/t para R\$249,02/t (aumento de 44,2%).

As exportações brasileiras de matérias-primas e produtos intermediários para fertilizantes, em 1999, somaram 267 mil toneladas de produto, cujo valor totalizou US\$45,2 milhões/FOB. Os principais insumos exportados foram formulações NPK, amônia anidra e uréia.

Analisando-se estimativas de preços médios de fertilizantes pagos pelos agricultores

¹Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Consumo Efetivo e Estoque de Fertilizantes, Brasil, 1997-99
(em mil toneladas de produto)

Discriminação	1997 ¹	1998 ¹	1999 ²
Estoque inicial (indústria) (a)	1.357	1.657	1.632
Produção ³ (b)	7.411	7.407	7.537
Importação ³ (c)	7.244	7.426	7.035
Consumo aparente (b+c)	14.655	14.833	14.572
Exportação (d)	278	280	212
Micros/outros/quebras ⁴ (e)	-243	91	-392
Disponibilidade (a+b+c-d+e) (f)	15.491	16.301	15.600
Estoque final (indústria) (g)	1.657	1.632	1.911
Entregas (f-g) (h)	13.834	14.669	13.689
Estoque inicial (agricultor) (i)	130	130	130
Estoque final (agricultor) (j)	130	130	130
Consumo efetivo (h+i-j)	13.834	14.669	13.689

¹Dados revistos pela fonte.

²Dados preliminares.

³Na produção e na importação estão incluídos o fosfato natural para aplicação direta e o fosfato natural reativo.

⁴Referem-se às matérias-primas portadoras de micronutrientes e macronutrientes secundários, inertes e perdas no processo.

Fonte: Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA).

TABELA 2 - Entregas de Fertilizantes ao Consumidor Final, por Região e Estado, Brasil, 1997-2000
(em mil toneladas de produto)

Região e Estado	1997 ¹	1998 ¹	1999 ²	Jan.-jul./98	Jan.-jul./99 ²	Jan.-jul./00 ²
Região Sul						
Rio Grande do Sul	1.486.321	1.600.079	1.456.598	629.028	446.744	708.109
Santa Catarina	353.351	383.414	349.552	193.477	148.716	195.719
Subtotal	1.839.672	1.983.493	1.806.150	822.505	595.460	903.828
Região Centro						
Distrito Federal	39.879	60.205	45.163	23.816	14.713	18.105
Espírito Santo	215.080	242.076	221.654	91.001	74.245	113.978
Goiás	1.152.908	1.211.045	1.269.430	359.506	327.686	538.867
Mato Grosso	1.467.959	1.603.013	1.770.055	586.368	468.269	828.071
Mato Grosso do Sul	762.108	729.580	551.206	210.602	153.596	247.059
Minas Gerais	2.034.432	2.205.122	1.992.806	697.482	594.633	816.435
Paraná	1.764.041	2.093.524	2.030.407	1.028.635	818.055	1.311.853
Rio de Janeiro	42.291	44.317	31.385	22.270	12.892	23.012
São Paulo	3.179.136	3.031.782	2.631.714	1.291.494	993.211	1.292.744
Tocantins	36.351	51.866	48.714	14.207	12.297	18.076
Subtotal	10.694.185	11.272.530	10.592.534	4.325.381	3.469.597	5.208.200
Região Nordeste						
Alagoas	210.579	209.098	162.792	145.197	93.752	133.554
Bahia	611.309	688.619	691.642	259.102	220.084	339.147
Ceará	23.041	22.315	17.106	13.435	11.770	10.751
Maranhão	92.473	133.528	103.582	39.179	10.278	46.634
Paraíba	46.780	41.780	29.376	32.518	18.972	23.772
Pernambuco	189.613	157.858	129.846	115.610	82.976	97.618
Piauí	22.718	24.839	29.379	6.678	4.191	11.979
Rio Grande do Norte	38.885	45.281	38.561	32.270	25.202	27.018
Sergipe	18.563	22.326	17.253	11.211	10.328	9.374
Subtotal	1.253.961	1.345.644	1.219.537	655.200	477.553	699.847
Região Norte	46.246	66.903	71.261	37.161	33.092	51.964
Brasil	13.834.064	14.668.570	13.689.482	5.840.247	4.575.702	6.863.839

¹Dados revistos pela fonte.

²Dados preliminares.

Fonte: Associação dos Misturadores de Adubos do Brasil (AMA-BRASIL), Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA), Sindicato da Indústria de Adubos e Corretivos Agrícolas, no Estado de São Paulo (SIACESP), Sindicato Nacional da Indústria de Matérias-Primas para Fertilizantes (SINPRIFERT), Sindicato da Indústria de Adubos do Rio Grande do Sul (SIARGS) e Sindicato da Indústria de Adubos e Corretivos do Nordeste (SIACAN).

na Região Centro-Sul, em junho de 1999 e junho de 2000, elaboradas pelo setor, verifica-se que a média de preço sofreu acréscimo de R\$4,43/t (de R\$291,97/t para R\$296,40/t), ou seja, situaram, em média, praticamente no mesmo nível do ano anterior (aumento de 1,5%), porém se se considerar em termos reais, houve decréscimo de 11,0%.

Em 2000, revertendo o quadro observado em 1999, constatou-se que no período de janeiro a julho, as entregas de fertilizantes no País totalizaram 6,864 milhões de toneladas de produto, com acréscimo de 50,0% em relação à igual período do ano anterior e de 17,5% superior ao desempenho do mesmo período de 1998, em que o comportamento do mercado foi considerado normal. Os principais fatores que colaboraram para o acréscimo da demanda foram: relações de troca mais favoráveis para importantes produtos consumidores de fertilizantes, como soja, milho e algodão (Tabela 3); aumentaram-se os níveis de adubação na cultura da cana-de-açúcar e de renovação de área com canaviais após a recuperação dos mercados do açúcar e do álcool; crescimento em 2000 na área plantada da 2ª safra de milho no Brasil de 7,9%, em relação à safra 1999, de acordo com o quinto levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB); e, finalmente, a antecipação de compra de fertilizantes para safra 2000/01 pelos produtores, principalmente de soja, possibilitando a obtenção de melhores preços e devendo contribuir para amenizar a tradicional sazonalidade do setor.

Nos sete primeiros meses de 2000, em relação ao mesmo período de 1999, observou-se aumento nas entregas de fertilizantes ao consumidor final em todas as Regiões: Centro de 50,1%, Sul de 51,8%; Nordeste de 46,5%; e Norte de 57,0%. Constatando-se incremento nas vendas em todos os Estados brasileiros, com exceção do Ceará e Sergipe (os quais têm pouca expressão no consumo). No caso específico de São Paulo, as entregas foram superiores a 30,2%. Esse Estado, que vinha liderando as vendas nos últimos anos, nesse período foi superado pelo Paraná, que absorveu maior quantidade das entregas de fertilizantes, ou seja, 1,312 milhão de toneladas de produto, representando 19,1% do total. Esse desempenho deve-se à antecipação das vendas do insumo para soja paranaense. São Paulo aparece em segundo lugar, com 1,293 milhão de toneladas de produto (18,8%); seguido

de Mato Grosso, 828 mil toneladas (12,1%); Minas Gerais, 816 mil toneladas (11,9%); Rio Grande do Sul, 708 mil toneladas (10,3%); Goiás, 539 mil toneladas (7,8%) e Bahia, 339 mil toneladas (4,9%).

Nos Estados de Mato Grosso e Goiás, as compras estão bastante adiantadas, registrando-se aumento nas entregas de 76,8% e 64,4%, respectivamente, em relação ao ano precedente. Ressalte-se que, na safra 1999/2000, Mato Grosso ocupou o primeiro lugar na produção de soja e algodão, apresentando as maiores produtividades médias do País, tendo em vista principalmente a utilização de tecnologias e as condições privilegiadas de clima, segundo a CONAB.

A expansão da demanda alavancou a produção da indústria nacional de produtos intermediários para fertilizantes com aumento de 14,8% no referido período, sendo produzidas 4,2 milhões de toneladas de produto, com incremento na produção, em termos de nutrientes, dos fertilizantes fosfatados (17,4%) e potássicos (10,1%). Também, aumentaram as importações brasileiras de fertilizantes, no período de janeiro a julho de 2000, em 50,6% em relação ao ano anterior, perfazendo 4,1 milhões de toneladas de produto. O cloreto de potássio foi o principal produto importado, respondendo por 41,2% dessas importações, seguido do sulfato de amônio (18,3%), fosfato mono-amônio-MAP (13,6%) e úreia (9,1%). No caso das matérias-primas para fertilizantes, registrou-se incremento de 19,2% no citado período.

Em julho de 2000, no mercado internacional, os preços dos principais fertilizantes fosfatados (como o superfosfato triplo e fosfato di-amônio-DAP) mostraram-se decrescentes, em relação ao mesmo mês de 1999. No caso dos nitrogenados, a úreia apresentou aumento em suas cotações em diversas regiões do mundo, em função da redução da disponibilidade do produto. Os Estados Unidos (Golfo), por exemplo, passou de US\$83-86/t FOB para US\$154-160/t no referido período; entretanto, há previsão de uma regularização nos preços nos próximos meses, segundo fontes do setor. Os preços dos potássicos ficaram estáveis. O cloreto de potássio, em julho de 2000, no Canadá foi cotado em US\$127-138/t FOB-Vancouver (granulado), a granel.

A previsão do setor de fertilizantes para 2000 é de aumento nas entregas ao consumidor

TABELA 3 - Unidades de Produtos Agrícolas Necessárias para Adquirir Uma Tonelada de Adubo, Região Centro-Sul, Brasil, 1997-2000

Ano/mês	Algodão		Arroz em casca		Cana-de-açúcar	
	15kg	Índice ¹	60kg	Índice ¹	t	Índice ¹
1997	26,9	100,0	19,2	100,0	15,3	100,0
1998	28,6	106,3	14,4	75,0	14,4	94,1
1999	35,7	132,7	19,9	103,6	22,8	149,0
Jan.	31,5	117,1	14,3	74,5	16,3	106,5
Fev.	38,8	144,2	16,7	87,0	20,1	131,4
Mar.	37,9	140,9	18,3	95,3	22,9	149,7
Abr.	36,9	137,2	19,8	103,1	22,9	149,7
Mai	35,1	130,5	19,8	103,1	22,9	149,7
Jun.	34,2	127,1	20,9	108,9	23,0	150,3
Jul.	33,7	125,3	21,0	109,4	23,3	152,3
Ago.	34,6	128,6	21,5	112,0	23,6	154,2
Set.	35,6	132,3	23,1	120,3	24,9	162,7
Out.	36,6	136,1	22,5	117,2	25,2	164,7
Nov.	37,4	139,0	22,4	116,7	25,7	168,0
Dez.	36,7	136,4	21,8	113,5	25,1	164,1
2000						
Jan.	32,5	120,8	20,0	104,2	23,4	152,9
Fev.	31,3	116,4	19,6	102,1	21,1	137,9
Mar.	29,6	110,0	21,3	110,9	21,6	141,2
Abr.	30,1	111,9	22,1	115,1	20,9	136,6
Mai	29,7	110,4	23,2	120,8	20,4	133,3
Jun.	30,9	114,9	22,5	117,2	19,4	126,8
Ano/mês	Feijão		Milho		Soja	
	60kg	Índice ¹	60kg	Índice ¹	60kg	Índice ¹
1997	5,2	100,0	33,6	100,0	14,3	100,0
1998	2,8	53,8	26,8	79,8	16,9	118,2
1999	5,2	100,0	31,2	92,9	20,7	144,8
Jan.	2,9	55,8	25,4	75,6	19,2	134,3
Fev.	3,5	67,3	30,5	90,8	22,1	154,5
Mar.	4,7	90,4	34,9	103,9	22,5	157,3
Abr.	5,0	96,2	35,1	104,5	23,5	164,3
Mai	5,9	113,5	34,7	103,3	21,8	152,4
Jun.	6,4	123,1	34,1	101,5	21,8	152,4
Jul.	6,8	130,8	31,5	93,8	21,5	150,3
Ago.	6,4	123,1	33,1	98,5	20,9	146,2
Set.	6,2	119,2	32,5	96,7	19,6	137,1
Out.	6,1	117,3	31,8	94,6	18,7	130,8
Nov.	6,2	119,2	28,0	83,3	19,0	132,9
Dez.	6,1	117,3	26,8	79,8	18,9	132,2
2000						
Jan.	6,5	125,0	23,0	68,5	18,6	130,1
Fev.	6,9	132,7	23,8	70,8	17,7	123,8
Mar.	7,0	134,6	26,2	78,0	18,0	125,9
Abr.	7,2	138,5	26,8	79,8	18,3	128,0
Mai	6,6	126,9	26,0	77,4	17,4	121,7
Jun.	6,8	130,8	28,1	83,6	18,0	125,9

¹Índice simples. Base: 1997 = 100.

Fonte: Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA).

final no Brasil situando-se, em termos de produto, em torno de 15,5 milhões de toneladas contra 13,69 milhões de toneladas em 1999 e 14,67 milhões de toneladas em 1998, tendo em vista sobretudo os bons preços de milho e algodão; preços de soja considerados remuneradores no período de fevereiro a maio de 2000, com anteci-

pações de compras; boas condições creditícias; e maior consumo de fertilizantes na cana-de-açúcar.